

## Nota prévia

O presente volume da *RUA-L, Revista da Universidade de Aveiro – Letras*, a que demos o título de *Literatura & Etc.*, resulta de um projeto que, na sua origem, visava promover a dissolução das fronteiras entre o contexto académico, onde habitualmente se desenvolve o estudo do texto literário, e a leitura experienciada pela comunidade extra-académica, procurando, deste modo, devolver ao leitor comum a visão renovada do seu próprio diálogo com o mundo (e com o mundo da literatura).

A iniciativa, a que os organizadores deram o nome «Literatura & Etc.», decorreu ao longo dos anos de 2016 e 2017, sob a forma de sessões abertas à comunidade aveirense. Numa colaboração entre a linha de investigação «*Perpetuum mobile: Poéticas da Errância na Literatura e na Cultura*», do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, a Câmara Municipal de Aveiro e o Círculo Experimental dos Artistas Plásticos de Aveiro (Aveiroarte), pretendeu-se estimular a reflexão e o debate em torno desse diálogo do leitor com o mundo através da literatura, nas suas plurais intersecções com outros saberes. As sessões decorreram na Galeria Morgados da Pedricosa, em Aveiro, e foram dinamizadas por personalidades convidadas que abordaram, num espírito dialogante de tertúlia, os temas seguintes: Literatura & Arquitetura, Literatura & Ciência, Literatura & Cinema, Literatura & Deus, Literatura & Ética, Literatura & Fanatismo Religioso, Literatura & Insularidade, Literatura & Música, Literatura & Pintura, Literatura & Revolução, Literatura & Sexualidade, Literatura & Turismo e Literatura & Videojogos.

Este volume resulta, assim, destes encontros e os nove textos que o compõem são exemplares desse fecundo espírito de diálogo crítico que animou as sessões, permitindo perspetivar, sob ângulos renovados e segundo uma abordagem descentrada, o fenómeno literário, por forma a iluminar a complexa variedade dos seus tempos e modos de manifestação. Numa ótica transdisciplinar, problematizou-se o modo como a literatura se constitui, se manifesta e se transforma no mundo contemporâneo e como, também ela, se metamorfoseia na interlocução que com ele estabelece.

O primeiro texto, intitulado «O vazio que persiste à minha beira. Sobre o lugar de Deus na poesia contemporânea», de José Rui Teixeira, indaga o lugar

de Deus na poesia portuguesa contemporânea, não sem antes diagnosticar o irreversível processo de secularização em curso nas sociedades contemporâneas. Salienta o autor que o facto de, em época mais remotas, a palavra «Deus» ser recorrente em literatura e de ela parecer, agora, mais omissa não significa que a questão de Deus tenha perdido pertinência poética. Pelo contrário, no discurso poético atual, Deus continua a assombrar o Homem, mas ele reveste agora a forma de uma inquietação, de um desassossego que abriga e disfarça a transcendência. Posicionando-se, assim, o mistério do Homem diante do mistério de Deus na poesia contemporânea, afirma-se paradoxalmente a presença de Deus pelo sentimento da Sua ausência.

Em «Literatura & Fanatismo Religioso», António Guimarães Pinto aborda textos quinhentistas nos quais a religião parece condicionar o próprio fim da literatura, instrumentalizando-a fanaticamente. O autor parte da *Apolo-gia* de Pietro Andrea Mattioli, uma polémica ideológico-doutrinária, tendo por desígnio o aniquilamento científico e moral de Amato Lusitano, para mostrar como os recursos retóricos no século XVI são postos à disposição do fanatismo religioso e do preconceito antissemita. De seguida, ocupa-se da composição poética *De caede haereticorum a Carolo Gallorum rege edita*, de João de Madureira, para, num texto inspirado nos mais consagrados poetas clássicos latinos, mas imbuído de notável originalidade, apontar as marcas de um recalcado ódio e do fanatismo religioso.

«Literatura e Insularidade - Lugar e Local, Região e Parcela: um Exemplo», de Ana Isabel Moniz, começa por esboçar uma reflexão sobre a existência de uma identidade literária e cultural própria do espaço insular. A autora questiona a especificidade do sentimento de pertença regional, numa relação quer de confronto, quer de integração com o sentimento de pertença nacional. Depois, apoia-se em poetas que escreveram sobre a Ilha da Madeira, tais como João Miguel Fernandes Jorge, José Agostinho Baptista, Carlos Nogueira Fino e Irene Lucília, para, a partir dos seus textos poéticos, exemplificar o que pode considerar-se como especificidade literária local.

Em «A revolta estudantil de 1968 e a cultura de protesto da geração jovem no romance *Sem Tecto entre Ruínas*, de Augusto Abelaira», Inês Gamelas propõe uma leitura cultural do romance, explorando os sinais de revolta e o desejo de libertação inscritos na narrativa de Abelaira, ambientada ainda num Portugal politicamente aprisionado à ditadura salazarista, mas já implicado num processo gradual de amenização política. A geração mais nova, retratada no romance, consubstancia a esperança de renovação futura, lutando contra

o conservadorismo político e a favor da emancipação sexual e da revolução dos costumes.

O quinto texto, «Cinema e Literatura: Discursos, Reconfigurações e Memórias Estéticas», de Anabela Dinis Branco de Oliveira, explora, numa perspetiva problematizante, o multimodo diálogo instaurado entre literatura e cinema, salientando o facto de as palavras do escritor não bastarem ao filme e de a imagem não poder ser reproduzida em palavras. A autora argumenta que a “adaptação cinematográfica” é, antes, uma recriação poética de um discurso escrito, em que o som, a luz, as cores, o movimento da câmara, os planos, as palavras e a montagem numa narrativa fílmica interagem em produtiva sinergia. A adaptação ao cinema de uma obra literária constitui, então, uma ressemantização que impõe a morte da fidelidade à obra literária.

«Literatura & Ética», de Ana Paiva Morais, estabelece uma relação entre os territórios da ética e da palavra literária, apoiando-se no binómio horaciano *prodesse e delectare*. A autora ressalva que a harmonia entre estas duas formas de perspetivar o fazer literário, apesar de repetidamente ensaiada, não foi nunca inteiramente conseguida. Com efeito, esclarece que, já no final da Idade Média, se assiste a uma discreta emancipação da Ética em relação à Literatura, processo que irá prosseguir nos séculos seguintes, ao ponto de, nos séculos XIX e XX, a literatura se encontrar esvaziada de fundamentos éticos, chegando mesmo a parodiá-los. São convocados alguns textos literários e filosóficos, por forma a mostrar como, atualmente, a Ética integra a Literatura instituindo uma experiência de leitura que ajuda a imprimir sentido à vida.

Em «Literatura & Arquitetura», os arquitetos aveirenses Sérgio Azeredo e Óscar Graça formulam questionamentos comuns, indagando a natureza do diálogo entre escrita e ambiente construído. No seu texto, procuram responder às seguintes interrogações: A arquitetura será, ela própria, literatura? Haverá literatura sem arquitetura? A arquitetura e a literatura serão cúmplices? Segundo os autores, os arquitetos são fautores de poesia, pois as suas obras, pelo efeito estético visado, devem suscitar emoções e estimular a imaginação. A sua forma plástica dialoga regularmente com a literatura, porque também ela habita nas palavras deixadas num livro para descrever um espaço.

O oitavo texto, «Utopias e Distopias feministas: Futuros Alternativos e Novas Tecnologias Reprodutivas», de Maria Aline Ferreira, investiga o subgénero da literatura utópica, designadamente o das utopias femininas, que, pelas temáticas que abordam, concorreram para a emancipação da mulher. Neste caso,

a autora ocupa-se da temática da sexualidade e da reprodução da mulher, dois dos aspetos de que a hegemonia patriarcal se apropriou para garantir a subjugação da mulher ao longo dos séculos. Maria Aline Ferreira aborda a forma como diversas autoras, primeiro do final do século XIX e princípio do século XX e, depois, dos anos 60 e 70 do século passado, épocas coincidentes com a primeira e a segunda vagas do movimento feminista respetivamente, tratam as utopias exclusivamente de mulheres nas suas narrativas. Apesar de todos os avanços científicos e tecnológicos, desde a última década do século XX, as narrativas utópicas são praticamente inexistentes e as distopias femininas encontradas situam-se em mundos pós-apocalípticos onde a violência impera.

O último texto do volume, «Visões do fim do mundo em David Bowie e António Variações», de Luís Carlos S. Branco, estabelece uma correlação entre as obras de David Bowie e António Variações, fundada na intertextualidade e na intermusicalidade. O autor desenvolve o seu estudo, traçando o percurso de ambos os artistas e salientando dois elementos comuns às suas escritas: o holismo e a *queerness*. Segundo o autor, ambos os compositores interpolam nas letras das suas canções *pop-rock* poemas e narrativas da literatura apocalíptica, investindo-as de um cunho holístico e de um teor profético, afirmando, assim, a sua identidade *queer* na Londres dos anos 70, no caso de Bowie, e na Lisboa dos anos 80, no caso de António Variações.

Na sua fecunda heterogeneidade, os textos agora coligidos em volume documentam exemplarmente a multiforme complexidade desse objeto esquivo e, por isso mesmo, fascinante que é a literatura. Contrariando todas as profecias que, no passado como no presente, têm decretado a sua morte, este *É & Etc.* aí fica, demonstrando que, nos inúmeros e produtivos enlances que vai estabelecendo, a literatura continuará a assegurar a sua sobrevivência.

### **Agradecimentos:**

Os membros da organização das sessões Literatura & Etc. agradecem ao Aveiroarte, em geral, e ao seu Presidente, Arq.º Sérgio Azeredo, em particular, pelo seu interesse e dedicação a esta parceria.

Os coordenadores do presente número da *RUA-L* agradecem à sua Diretora, Prof.ª Doutora Ana Maria Pinhão Ramalheira, o convite para publicar os textos resultantes das Sessões Abertas «Literatura & Etc.» neste volume e o empenho competente manifestado ao longo de todo o processo de edição.

*Maria Eugénia Pereira*